

Antirracismo



O QUE É E COMO SE TORNAR UM ALIADO NESSA IMPORTANTE LUTA





No dia 20 de novembro celebramos o Dia da Consciência Negra no Brasil. A escolha da data para dar destaque ao tema tem a ver com a morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares, que aconteceu neste dia no ano de 1965.

Desenvolvemos esta cartilha porque todas as pessoas e instituições precisam desempenhar um papel ativo no combate a esse tipo de injustiça. E falar sobre o tema é o primeiro passo para eliminar os preconceitos que acontecem muitas vezes sem que a gente perceba.

Consuma com calma e atenção este conteúdo e lembre-se, como bem disse a filósofa e escritora norte-americana Angela Davis: "Não basta não ser racista. É preciso ser antirracista".

1. A neurociência explica

Um estudo de neurociência focado em entender estereótipos e preconceitos, publicado em 2004 na Associação Americana de Psicologia, ajudou a explicar o que é racismo estrutural e como ele impacta o dia a dia.

A pesquisa queria medir o nível de influência que uma informação prévia tinha sobre um comportamento posterior, e pedia para os participantes identificarem dois objetos impressos em conjuntos de cartões borrados, que se tornavam mais nítidos conforme iam avançando a numeração. Os objetos eram um alicate e uma arma de fogo.

Os participantes foram divididos em 3 grupos e visualizaram algumas fotos antes do exercício. O grupo 1 viu uma imagem de um rosto negro; o 2 viu um rosto branco, e o 3 não viu nenhum. A mecânica era medir quantos cartões eram necessários até as pessoas identificarem os objetos e ver como os rostos influenciavam nisso.

No fim do estudo, os pesquisadores verificaram que os três grupos levaram quase a mesma quantidade de cartões para identificar o alicate. Por outro lado, quem viu o rosto branco precisou de muito mais cartões para identificar a arma do que as pessoas que viram o rosto negro. Ou seja, pessoas que viram o rosto negro antes do exercício chegavam muito mais rápido ao entendimento que o desenho era de uma arma de fogo. O resultado da pesquisa mostrou que, mesmo quando não querem, as pessoas podem ter comportamentos racistas por razões que chamamos de racismo estrutural.

2. Racismo Estrutural

O que se chama de racismo estrutural é o conjunto de hábitos e costumes de uma sociedade que foram criados sob uma mentalidade racista e contribuem para a discriminação, que é a exclusão, separação ou diferenciação em função da cor de pele de uma pessoa.

O fato de a maioria dos estudantes universitários ter sido composta por muito tempo por brancos em um país como o Brasil, onde 56,1% da população é composta por pretos e pardos, é um reflexo do racismo estrutural, por exemplo. Aliás, graças às cotas raciais nas universidades, que começaram em 2004, o número de pretos ultrapassou o de brancos nesses espaços, em 2019.

E como são as estruturas – família, cultura, mídia, círculo social – que moldam o nosso comportamento e as nossas crenças, estamos praticamente todos suscetíveis a cometer atitudes racistas, mesmo quando não é a intenção. Apesar disso, o racismo estrutural não pode ser jamais usado como desculpa para nenhum tipo de comportamento preconceituoso, ok?

Por isso, estar alerta, buscar compreender o assunto e escutar quem ocupa esse lugar de fala é extremamente importante para quem quer participar dessa jornada antirracista.

3. Lugar de Fala

Historicamente a sociedade sempre teve uma estrutura que valorizava mais um perfil específico de pessoas: homens brancos. Essas pessoas tinham mais prestígio e autoridade do que as demais, por isso tinham credibilidade para dar opiniões sobre qualquer assunto, mesmo dos que não entendiam direito. Por outro lado, como somente essas pessoas eram escutadas pela mídia, nas escolas, nos círculos sociais e na construção de conhecimento, a opinião pública era construída por quem sequer vivia a realidade de que estava falando, e quem vivia de fato o que se discutia era silenciado.

O conceito de lugar de fala surge para dar voz a pessoas que por um longo período não foram escutadas e para dar visibilidade a pontos de vista de quem vive de verdade a realidade de que está falando. Não se trata de excluir a fala de quem não sofre com o racismo, por exemplo, mas de dar prioridade para falar deste tema para quem é afetado diretamente por ele e conhece as dificuldades. Em conversas sobre machismo, é escutar mulheres; sobre preconceitos de gênero, ouvir pessoas LGBTQI+, e assim por diante.

Como explica Djamila Ribeiro, filósofa brasileira que é um dos principais nomes no combate ao racismo atualmente, "o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas ao ato de existir". Com isso em mente, quando for conversar sobre racismo, procure escutar e ler pessoas negras, que ocupam por direito aquele lugar de fala.

4. Origem das Desigualdades

O Brasil foi o último grande país ocidental a acabar com a escravização de pessoas negras. Apesar de a abolição ter sido declarada em 1888, não houve praticamente nenhum plano de integração social. Pense acordar um dia e não ter mais moradia, alimentação ou trabalho. Foi assim com a maioria das pessoas libertadas da situação em que viviam naquela época. Em 1887, por exemplo, o Ministério da Agricultura contabilizava mais de 723 mil escravos no País, de acordo com o Ipea.

Sem nenhuma assistência para que eles pudessem se integrar à sociedade baseada no trabalho assalariado, muitos buscaram moradia nas regiões mais afastadas da cidade, as periferias e morros. Mas quando a cidade foi evoluindo nos serviços públicos, os morros e as periferias não receberam a mesma atenção, tornando a condição de vida muito mais difícil para quem morava ali.

Mesmo que muito tenha mudado de lá para cá, em qualquer cidade que se vá é possível confirmar que as regiões mais afastadas dos centros econômicos são as que menos têm a oferta de serviços públicos, como segurança, educação e até os mais básicos, como pavimentação.

5. Privilégios

Falar sobre privilégios é sempre delicado, pois não existem somente duas opções: ou se tem privilégio ou não tem. Existem muitas nuances e diversos níveis de privilégios. Por isso mesmo, quando falamos de racismo o simples fato de não sofrer preconceito pela cor da pele precisa ser entendido como um privilégio dos brancos.

Como explica Djamila Ribeiro, entender que se tem privilégios não deve causar culpa, mas sim um senso de responsabilidade de reconhecer para aí então atuar contra isso. Além disso, a base para uma atitude antirracista é a colaboração, especialmente para pessoas não negras. Para os brancos, se trata menos de emitir opiniões e mais de proporcionar debates que deem voz a pessoas negras que podem, elas sim, dizer como se sentem.

Outro importante ponto é que o aprendizado sobre o antirracismo – assim como sobre qualquer outro tema – precisa ser um comportamento autônomo. Não é obrigação das pessoas pretas despertarem a consciência dos outros. Elas podem, sim, ajudar nessa construção sobre consciência, mas cabe a cada um o esforço para compreender o tema e contribuir sobre a conversa.

Antirracismo na Prática



Ser uma pessoa não racista e ser antirracista são coisas diferentes. Enquanto alguém não racista não tem atitudes que discriminam alguém pela sua cor de pele, a pessoa antirracista desempenha um papel ativo no combate a esse preconceito.

No livro "Pequeno manual antirracista", a autora Djamila Ribeiro traz várias atitudes possíveis para quem quer se tornar um indivíduo antirracista. E foi de lá que extraímos algumas das que você confere a seguir para ajudar na construção de uma postura ética de combate ao preconceito racial.



Informe-se sobre o racismo

Ter uma atitude aberta sobre o tema e aprender com a história é fundamental para compreender e reconhecer o problema, assim como não ter medo das palavras negro, preto, racismo, branco, etc. Nomear as atitudes é essencial para entender, pois não se combate o que não tem nome.

Enxergue a negritude

Negar que existem cores de peles diferentes e que isso causa preconceitos torna invisível o problema e impede que se combata. Frases como “eu não vejo cor, somos todos iguais” mais atrapalham do que ajudam, pois é como se o problema não existisse. Reconhecer a negritude é um importante passo para uma postura antirracista.

Reconheça os privilégios da branquitude

Se todos os motivos que fazem você ter medo de alguma coisa não são relacionados a cor da sua pele, você vive em uma realidade de privilégio por ser branco. Reconhecer esse fato e buscar entender o ponto de vista de quem sofre com isso nos torna pessoas mais empáticas e úteis na causa antirracista.



Leia autores negros

Quantas referências de autores negros você teve na faculdade ou na escola? Se não foi nenhum, certamente foram poucos. Isso porque por muito tempo o nosso sistema de ensino privilegiava autores brancos. E, em tempos de redes sociais, aproveite para acompanhar pessoas pretas dos mais diversos temas, assim como faz com influenciadores brancos.

Perceba o racismo internalizado em você

Como você já entendeu, o racismo estrutural tem a ver com a cultura e com os hábitos da sociedade que influenciam a todas as pessoas que vivem nela. Por isso, entender que todos estamos suscetíveis a cometer alguma atitude ou pensamento racista é o que torna a nossa postura mais alerta e consciente para evitar que isso ocorra.

